

As imagens de controle e a identidade racial de homens negros de pele clara

Controlling images and the racial identity of light-skinned Black men

Las imágenes de control y la identidad racial de los hombres negros de piel clara

 **Carolina da Silva Pereira**

Universidade Federal do Rio grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, RS, Brasil.

E-mail: carolinapsiclinica@gmail.com

RESUMO

Este trabalho analisa o processo de constituição da identidade racial de homens negros de pele clara, contribuindo para os estudos sobre relações étnico-raciais no Brasil sob uma perspectiva interseccional. A partir de materiais oriundos de uma pesquisa de mestrado, analisaram-se as imagens de controle associadas e seus respectivos efeitos subjetivos. Fundamentado em autoras como Patricia Hill Collins, bell hooks, Neusa Santos Souza e Grada Kilomba, o artigo evidencia como as imagens de controle moldam as interações sociais e os processos de identificação, constituindo identidades e pertencimentos raciais aos homens negros de pele clara. Os resultados apontam o medo como um afeto central na experiência desses homens, atuando como forma de controle social e subjetivo. Ressalta-se a importância da constituição da identidade racial negra orientada à valorização da negritude em direção a uma masculinidade pautada na coletividade, solidariedade, respeito e desalienação.

Palavras-chave: Homens negros de pele clara; Interseccionalidade; Imagens de controle; Identidade racial; Masculinidade negra.

ABSTRACT

This study analyzes the process through which light-skinned Black men construct their racial identities, contributing to the study of ethnic-racial relations in Brazil from an intersectional perspective. Based on materials from a master's research project, the study examines the associated controlling images and their respective subjective effects. Drawing on authors such as Patricia Hill Collins, bell hooks, Neusa Santos Souza, and Grada Kilomba, the article highlights how controlling images shape social interactions and processes of identification, constituting racial identities and senses of racial belonging among light-skinned Black men. The findings point to fear as a central affect in these men's experiences, operating as a form of social and subjective control. The importance of constructing a Black racial identity oriented toward the valorization of Blackness is emphasized, moving toward a form of masculinity grounded in collectivity, solidarity, respect, and disalienation.

Keywords: Light-skinned Black men; Intersectionality; Controlling images; Racial identity; Black masculinity.

RESUMEN

Este trabajo analiza el proceso de constitución de la identidad racial de hombres negros de piel clara, contribuyendo a los estudios sobre las relaciones étnico-raciales en Brasil desde una perspectiva interseccional. A partir de materiales procedentes de una investigación de maestría, se analizaron las imágenes de control asociadas y sus respectivos efectos subjetivos. Fundamentado en autoras como Patricia Hill Collins, bell hooks, Neusa Santos Souza y Grada Kilomba, el artículo evidencia cómo las imágenes de control configuran las interacciones sociales y los procesos de identificación, constituyendo identidades y sentidos de pertenencia racial entre los hombres negros de piel clara. Los resultados señalan el miedo como un afecto central en la experiencia de estos hombres, actuando como una forma de control social y subjetivo. Se destaca la importancia de la constitución de una identidad racial negra orientada a la valorización de la negritud, en dirección a una masculinidad basada en la colectividad, la solidaridad, el respeto y la desalienación.

Palabras clave: Hombres negros de piel clara; Interseccionalidad; Imágenes de control; Identidad racial; Masculinidad negra.

Introdução

Nas duas últimas décadas, ocorreram mudanças significativas no panorama brasileiro no tocante à inserção social negra nas instituições federais e nas representações midiáticas, fenômeno relacionado às políticas públicas de ações afirmativas resultantes da implementação da Lei nº 12.711/2012 (Lei de Cotas) e seus desdobramentos. A ampliação do acesso de pessoas negras ao ensino superior público, espaço tradicionalmente associado ao prestígio e ao poder simbólico, contribuiu também para o incremento dos debates acadêmicos e midiáticos sobre as relações étnico-raciais no Brasil, ainda que tais avanços permaneçam muito distantes da equiparação e da justiça racial.

Nesse cenário, observam-se tanto a persistência de representações baseadas nas perspectivas ideológicas do branqueamento e do mito da democracia racial quanto o fortalecimento de representações críticas que denunciam o racismo estrutural e as desigualdades raciais dele derivadas, produzindo efeitos subjetivos, bem como no imaginário social. Há, portanto, uma disputa discursiva importante em que narrativas racistas consolidadas historicamente são confrontadas pelas contra-hegemônicas que afirmam e valorizam a identidade negra. Essa disputa evidencia o tensionamento entre a manutenção de estruturas raciais excludentes e o fortalecimento de movimentos sociais, políticos e intelectuais que buscam transformá-las, positivando a negritude e pautando o incremento de políticas públicas direcionadas à população negra. É nesse cenário contemporâneo que as discussões em torno da racialidade negra ganham destaque. Afinal, quem é pardo/a no Brasil?

Para analisar a constituição da identidade racial negra, é fundamental considerar a perspectiva interseccional. Enquanto a experiência das mulheres negras é atravessada simultaneamente pelo racismo e pelo machismo, configurando a posição que Kilomba (2019) denomina "o outro do outro", cabe questionar como os efeitos interseccionais operam nas experiências dos homens negros, frequentemente situados em uma condição de privilégio subordinado, já que o gênero os afirmaria, mas a raça os negaria (Ribeiro, 2020). Cabe destacar que a noção de privilégio subordinado não implica vantagem estrutural, mas uma posição social marcada pela coexistência entre benefícios relativos associados à masculinidade, especialmente em relação às mulheres negras em uma sociedade patriarcal, e processos de discriminação racial. Trata-se, portanto, de uma experiência atravessada por relações contraditórias de poder, marcada pela articulação entre privilégios relativos e subordinação racial.

Outra categoria extremamente relevante para o campo das relações raciais é a classe social. Ao propor uma compreensão interseccional das categorias de raça, classe e gênero, a socióloga estadunidense Patricia Hill Collins entende que elas não operam de forma isolada, mas se articulam na matriz de dominação, um sistema complexo em que diferentes formas de opressão (racismo, sexismo, classismo e heteronormatividade) se reforçam mutuamente, produzindo imagens de controle. Em relação aos homens negros, Collins (2019) também destaca a especificidade presente em sua posição social ambígua, já que mesmo sem o pleno reconhecimento de sua masculinidade diante da supremacia branca, eles podem reproduzir práticas e discursos sexistas em uma relação de dominação com as mulheres negras.

As imagens de controle distinguem-se dos estereótipos ao produzirem tanto lugares de poder e privilégio para determinados grupos sociais como lugares de sujeição, hipersexualização e violência a outros. Elas advêm da lente da interseccionalidade das estruturas de poder formadoras de representações em torno da raça, gênero, sexualidade e classe que legitimam as desigualdades sociais, comumente percebidas como processos naturais. Busca-se a sujeição das pessoas negras, colaborando para a manutenção da ideologia da superioridade branca, causando efeitos psíquicos e político-econômicos em todos os grupos raciais (Collins, 2019).

As concepções de realidade do sujeito são constituídas nas relações interpessoais mediadas por crenças, padrões, práticas e normas sociais. Portanto, a identidade é um processo dinâmico: ela é identidade-metamorfose (Ciampa, 1987). Contudo, no tocante à racialidade, há limites nessa metamorfose, já que dentro do jogo social o olhar externo também racializa, influenciando a constituição da identidade racial. Ou seja, a identidade racial é, em certa medida, fixa porque é socialmente atribuída conforme os significados raciais que são dados aos traços corporais de cada um/a, em associação a outras categorias importantes à racialização, tais como classe, origem e território, a partir das quais cada sujeito será classificado como pertencente a uma determinada raça.

Dentro das classificações raciais, entende-se por negro de pele clara o sujeito socialmente lido como negro, mas cujo corpo carrega marcas da miscigenação. No contexto brasileiro, essa posição racial costuma ser associada às categorias pardo, moreno e mestiço, fortemente atravessadas pelas narrativas da democracia racial e da morenidade brasileira (Pereira, 2023). Neste artigo, os homens negros de pele clara correspondem à categoria "pardo", conforme os critérios adotados pelo IBGE. Segundo o instituto, essa classificação engloba pessoas de diferentes origens raciais, incluindo mulatos, caboclos, cafuzos, mamelucos e mestiços (IBGE, 2000). Cabe ressaltar, contudo, que a categoria também pode abranger indivíduos fenotipicamente brancos oriundos de relações inter-raciais, os quais não compuseram o universo analisado neste estudo.

A configuração simbólica da masculinidade hegemônica estrutura-se em torno de dois eixos centrais: a disputa de honra entre homens e a busca do controle sobre as mulheres, exemplificada pelo exercício simbólico e físico da penetração. Ambas reforçam a vinculação entre masculinidade e violência no contexto do regime patriarcal. Se, por um lado, o racismo associa o homem negro à inferioridade racial, o patriarcado define modelos de masculinidade baseados em padrões brancos. O que se produz a partir desse cenário é, em certa medida, contraditório: esses homens são excluídos do ideal de masculinidade dominante ao mesmo tempo em que são hipervisibilizados pelos estereótipos (Custódio, 2019).

Diante do exposto, cabe questionar como se dá o processo de constituição da identidade racial em homens negros de pele clara, tendo em vista que a sua posição social é complexa. Ao mesmo tempo em que ocorre uma espécie de privilégio subordinado em relação ao gênero, sua posição racial como pessoa negra de pele clara é específica e marcadamente influenciada pelas ideologias de branqueamento e mestiçagem brasileira.

Este trabalho está organizado em três momentos principais. Inicialmente, apresentam-se os aspectos metodológicos da pesquisa e a caracterização dos participantes. Em seguida, discute-se a posição social dos homens negros de pele clara a partir da articulação entre raça, gênero, classe e território, analisando as especificidades de suas experiências de racialização. Por fim, são examinadas as imagens de controle associadas à masculinidade negra e seus efeitos subjetivos, com destaque para os afetos e processos de identificação que atravessam a constituição da identidade racial desses sujeitos.

Método

Este artigo analisa a constituição da identidade racial em homens negros de pele clara e as imagens de controle a elas relacionadas, considerando a interseccionalidade entre raça, gênero, classe e território. A análise baseia-se em trechos de entrevistas oriundas de uma pesquisa de dissertação de mestrado sobre a identidade racial de pessoas negras de pele clara (Pereira, 2023).

A metodologia fundamenta-se na proposta de Peter Spink (2003), apresentada em *Pesquisa de campo em psicologia social: uma perspectiva pós-construcionista*, especialmente na noção de campo-tema, que compreende o campo como a processualidade de temas situados, construídos em diferentes contextos e materialidades, permitindo uma aproximação psicossocial e territorial às interseções críticas do objeto de estudo.

Considerando que a identidade racial é um tema complexo e sensível para pessoas negras, adotaram-se estratégias metodológicas voltadas à minimização de possíveis formas de violência simbólica, conforme proposto por Pierre Bourdieu (1999), privilegiando a proximidade social e a familiaridade na relação de pesquisa. A opção por participantes que possuíam algum grau de proximidade com a pesquisadora constituiu uma estratégia metodológica coerente com o objeto investigado. Considerando que a identidade racial envolve experiências potencialmente sensíveis e atravessadas por situações de discriminação, buscou-se favorecer a construção de um contexto de confiança que possibilitasse maior abertura narrativa. Tal escolha não elimina possíveis vieses, mas parte do entendimento de que a produção do conhecimento é situada e relacional, exigindo reflexão permanente sobre a posição da pesquisadora no campo.

Os critérios de inclusão foram: proximidade com a pesquisadora; autoidentificação como negro de pele clara, pardo ou moreno, desde que associada a características raciais negras; residência em Porto Alegre ou na Região Metropolitana por período superior a dois anos; e idade mínima de dezoito anos. Optou-se pela realização de entrevistas, compreendidas como um espaço de troca entre pesquisadora e participante, orientadas por um roteiro voltado aos sentidos atribuídos à própria racialidade e à categoria raça.

Foram realizadas quatro entrevistas no ano de 2022 com homens negros de pele clara, oriundos de contextos socioeconômicos semelhantes, moradores de bairros periféricos da cidade, com idades entre 18 e 33 anos, todos com vivências de racialização em alguma medida. Com o objetivo de preservar a identidade dos participantes, foram adotados pseudônimos em todas as citações e análises apresentadas neste artigo. Cabe ressaltar que o objetivo deste estudo não foi produzir generalizações estatísticas, mas compreender em profundidade processos de constituição da identidade racial a partir de trajetórias específicas. Nesse sentido, o reduzido número de participantes mostrou-se compatível com a proposta qualitativa da pesquisa, voltada à análise aprofundada das experiências narradas.

A análise seguiu as orientações propostas por Braun e Clarke (2006), envolvendo as etapas de familiarização com os dados, leitura reiterada das entrevistas, produção de códigos iniciais, agrupamento desses códigos em temas provisórios, revisão e refinamento temático e elaboração da interpretação final. O processo analítico foi conduzido de forma reflexiva, articulando os temas identificados às contribuições dos estudos das relações raciais, da perspectiva interseccional e da psicanálise, tendo como eixo central a noção de “tornar-se negro”, proposta por Neusa Santos Souza (2021). O artigo também dialoga com contribuições da psicanálise para compreender os efeitos subjetivos do racismo e os processos de constituição da identidade racial. Nesse sentido, os conceitos psicanalíticos não são empregados como categorias diagnósticas, mas como ferramentas analíticas complementares para a interpretação das narrativas produzidas pelos participantes. Tal articulação fundamenta-se no entendimento de que o racismo opera simultaneamente em dimensões sociais e subjetivas. Enquanto os estudos raciais permitem compreender os processos históricos e sociais de racialização, a psicanálise contribui para a análise dos efeitos dessas experiências na constituição da identidade e dos processos de identificação.

Tabela 1 – Participantes da pesquisa.

Nome fictício	Idade	Autoidentificação racial	Identificação racial dos pais	Classe	Gênero	Ocupação
Rodrigo	18	Negro/Preto	Mãe branca e pai negro	Classe média	Masculino	Estudante de Biblioteconomia
Lucas	24	Negro/Preto	Mãe branca e pai negro	Pobre	Masculino	Porteiro
Gustavo	33	Negro/Preto	Mãe negra e pai branco	Classe média	Masculino	Analista – TI
Renato	22	Negro/Preto	Mãe negra e pai branco	Classe média baixa	Masculino	Estudante de TI

Fonte: Dados da pesquisa.

Conforme apresentado na Tabela 1, os participantes possuíam idades entre 18 e 33 anos, diferentes inserções de classe e trajetórias familiares marcadas por relações inter-raciais. Apesar dessas diferenças, todos compartilhavam experiências de racialização e se autodefiniam como negros ou pretos, aspectos centrais para os objetivos desta investigação.

Pensando a intersecção entre Raça, gênero e classe: a posição do homem negro de pele clara

No pensamento feminista negro, o gênero é compreendido como uma construção de diferença que não pode ser dissociada de outros marcadores de diferença. Essa perspectiva enfatiza a necessidade de observar como os sujeitos vivenciam e interpretam seu gênero a partir de sua raça, ou como a própria concepção de raça é atravessada por significados sexualizados e generificados (Díaz-Benítez; Mattos, 2019). As experiências individuais de racismo, em sua maioria, podem ser compreendidas como manifestações de racismo de gênero, que se expressam por meio de estereótipos sustentados por construções normativas de relações de gênero (Kilomba, 2019).

Fanon, em “Pele Negra, Máscaras Brancas” (2020), já alertava que o homem negro não é um homem, mas um homem negro, constantemente representado no colonialismo como apenas um corpo hiperssexualizado e exotizado. O homem negro é a representação do sujeito indomável, incivilizado, irracional e desprovido de sensibilidade (hooks, 2022, p. 14). Afinal, como saber quem se é para além das imagens do controle do negro: “Quando me amam, dizem que o fazem apesar da minha cor. Quando não me detestam, acrescentam que não é pela minha cor... Aqui ou ali, sou prisioneiro do círculo infernal” (Fanon, 2020, p. 109).

Articulando com a categoria de classe, Collins, em “Política Sexual Negra” (2022), afirma que, se a masculinidade é hegemonicamente associada à capacidade de prover economicamente, os homens negros encontram-se excluídos das referências capitalistas de poder e de sucesso e das lógicas patriarcais que a compõem. Essa exclusão sistemática se manifesta em altas taxas de desemprego, encarceramento e pobreza, deslegitimando socialmente a masculinidade negra. Aos homens negros são destinadas as funções mais pesadas, perigosas e precarizadas, associadas à força física e à subordinação (Hirata, 2014).

Deivison Faustino (2014), influenciado por Frantz Fanon, situa o homem negro como aquele que representa o “pênis sem o falo”, sendo o falo uma representação simbólica de poder. A divisão ocidental entre mente (razão) e corpo (emoção), coloca o homem negro como figura representativa das atividades braçais, enquanto o intelecto fica associado ao homem branco. A partir desse processo, espera-se que o homem negro apresente sempre um bom desempenho, seja sempre dotado das mais diversas habilidades corporais: dança, futebol, força física, entre outras atividades ligadas à virilidade presente na imagem do criado “supermasculino”.

A suposta superioridade física do homem negro tem relação intrínseca com a sua posição de inferioridade intelectual no imaginário social. Assim, o elogio ao desempenho físico/sexual do negro, muitas vezes, esconde justamente a impossibilidade de reconhecer a sua humanidade: “seja pela dimensão animalizada, seja pela necessidade de adestramento constante neste esquema de subalternidade, o homem negro representa uma constante ameaça à ordem simbólica” (Faustino, 2014, p. 86). Por ser atravessado por estereótipos ligados ao corpo, é também pela via corporal que o homem negro buscará obter certa afirmação social. É a partir dessas imagens fetichizadas que o homem negro poderá esboçar a sua agência.

(...) além de ter pegada deve ser superdotado de um pênis enorme, ser um animal na cama, dançar bem, ter habilidades para o esporte e outras tarefas manuais, ter força física descomunal, além de jamais recuar perante uma ameaça, mesmo que isso implique o violento (e nem por isso menos glorioso) dilaceramento do seu corpo... O homem negro deve ser ‘macho ao quadrado’ em todas as situações exigidas, e só a partir desses atributos será reconhecido (Faustino, 2014, p. 91).

Para hooks (2022), essa postura pode configurar um mecanismo de autodefesa frágil que os aprisiona e os objetifica ao mesmo tempo que (re) produzem fortes barreiras à manifestação de suas vulnerabilidades, suas emoções e suas necessidades de afeto e cuidado. Ao adotarem uma pose “legal” pautada pelo machismo e

veiculada pela cultura gangsta, os homens negros estão operando contra si mesmos. Para romper esse processo, é fundamental a construção de uma masculinidade alternativa, pautada no afeto, na responsabilidade e na solidariedade junto a suas comunidades, buscando formas de ser pautadas no cuidado mútuo e na liberdade. Essa mudança criaria condições para que os homens negros possam elaborar violências históricas, abrindo espaço para novas formas de relação e expressão de sentimentos.

Segundo Custódio (2022), a masculinidade negra pode ser compreendida como um espaço de responsabilidade, autoconhecimento, reconhecimento e, sobretudo, de autodeterminação, no qual homens negros assumem o direito de se definir por si mesmos, em vez de aceitarem definições impostas por outrem. Para romper com os processos de produção de subjetividade alienada aos preceitos de masculinidade branca hegemônica por parte dos homens negros de pele clara, é importante a criação de estratégias políticas que impulsionam a autodefinição e a autoavaliação, ideia analisada por Patricia Hill Collins pela perspectiva do feminismo negro. A autodefinição envolve desafiar o processo de validação do conhecimento político que resultou em imagens estereotipadas externamente definidas da condição de gênero e da racialidade negra. Em contrapartida, a autoavaliação enfatiza o conteúdo específico das autodefinições das pessoas negras, substituindo imagens externamente definidas por imagens autênticas de si (Collins, 2016, p. 102): “pensar de que maneira, homens negros definem suas próprias identidades e narram suas histórias de vida é a maneira como podemos desconstruir imagens de controle e transformar em imagens de vida num movimento de ancestralização de futuros” (Lima & Romanini, 2023).

Esse processo é percebido no discurso de Gustavo, um homem negro de pele clara e cabelos raspados. Em sua família materna negra, é comumente nomeado como sarará: “Sará eu acredito que seja uma mistura. Quando é um casal branco, digo uma pessoa branca e uma pessoa negra, daí dá essa cor, no caso mais clarinha, mas não tão branca, dá essa mistura mais amorenada assim.” (Gustavo).

Gustavo realizou todo o seu ensino regular em uma mesma escola particular como bolsista em uma região central da cidade. Morou até o início de sua vida adulta no bairro Bom Jesus, onde tinha maior convivência com pessoas negras. Assim, Gustavo teve vivências sociais, ao longo da vida, tanto em ambientes considerados pobres como em espaços mais embranquecidos de classe média. Além de ser chamado durante a infância e a adolescência pela família como sarará, Gustavo era nomeado pelos amigos de seu bairro como “negão playboy” e pelos amigos da escola particular como “negão da Bom Jesus”. Gustavo circulava por diferentes regiões e contextos sociais, o que favoreceu múltiplos processos de identificação. Sua trajetória evidencia a complexidade das experiências raciais produzidas pela articulação entre gênero, classe e território.

Gustavo: *Tinha muito com o pessoal da infância, da minha rua, é que o pessoal achava que eu era playboy por causa que eu estudava em colégio particular e falavam: ‘Bah, o negão é playboy’.*

Pesquisadora: *Isso no bairro?*

Gustavo: *É, porque eu era o único que estudava em colégio particular. Mas estudava em colégio particular porque eu tinha bolsa e daí, depois, com um tempo, teve a questão do futebol e tudo mais. Mas depois, com o tempo, a gente ficando mais velho, daí fui conversando e eles foram entendendo. Mas mesmo assim, eles: ‘Ah, não adianta, tu é o negão playboy da rua’. Então foi uma coisa que ficou marcada, mas eles sabem que até tinham muito mais dinheiro do que minha família, mas sempre teve essa questão de acharem que eu era o playboy da rua. Que tava sempre arrumadinho, por mais que a gente não fosse rico. Mas a minha mãe sempre me deixou bem arrumadinho e bem cheiroso. Acredito que isso era uma coisa que contava pra eles tirar o cara pra playboy, né.*

Pesquisadora: *Todo arrumadinho, é?*

Gustavo: *Arrumadinho, todo cheiroso por causa da mamãe, e no colégio também tinha essa situação de ‘ah, é o negão da Bom Jesus’. E todo mundo morava na volta do colégio, né: Rio Branco, Santa Cecília, Santana... Só gente que tinha dinheiro, né. Eram dois mundos mesmo.*

Pesquisadora: *E com qual dos dois mundos tu se identificava mais? Com o playboy ou com o negão da Bom Jesus?*

Gustavo: *Eu vou te dizer que poderia ter os dois mundos, mas eu fazia ser só um. Eu poderia ter esse título aí que o pessoal falava, mas pra mim eu era sempre o mesmo, independente do lugar, independentemente de onde eu tava. Mas se fosse pra escolher um lugar pra me identificar, eu seria o negão, amigo de todo mundo, não sou branco, sou trabalhador, era estudioso, né, no caso.*

Em ambos os territórios Gustavo se torna o “negão”, termo pelo qual é nomeado e com o qual se identifica. Entender-se como “negão” é diferente de ser um homem negro com consciência racial crítica. Esses elementos sugerem estratégias subjetivas de negociação das nomeações raciais socialmente atribuídas. Ao transitar entre diferentes contextos sociais, Gustavo constrói formas de pertencimento que lhe permitem articular posições identitárias distintas. A partir dessas experiências, Gustavo se torna “o negão, amigo de todo mundo”.

Entre as imagens de controle discutidas anteriormente, destaca-se a figura do negro de alma branca, a qual se refere às pessoas não brancas de “boa educação” que buscam integração social (Daflon, 2014). Essa figura remete ao negro intelectual supostamente desvinculado de suas origens populares que, ainda assim, permanece sob constante vigilância da branquitude, sendo pressionado a corresponder rigidamente aos padrões brancos de comportamento e respeitabilidade. Trata-se de uma representação produzida pela ideologia do branqueamento, na medida em que valoriza atributos simbólicos e materiais associados à brancura como estratégias de proteção diante do racismo. Nesse contexto, Gustavo é reconhecido como alguém que não é branco, mas que se destaca por ser trabalhador, estudioso e “arrumadinho”.

Lucas é um participante que também residia no bairro Bom Jesus. Um jovem negro de pele clara com cabelos curtos e cacheados. Ao longo da sua entrevista, Lucas identificou-se como “negro, um pouco não tão negro, mas preto”. Em diálogo, ele aponta ideias acerca de percepções sociais ligadas ao seu território.

Pesquisadora: *E na escola, tu convivia com outras crianças negras?*

Lucas: *Normal. Como eu vim da Bom Jesus, que é pobre, então tem vários tipos de raça, de cor, então preconceito ali não tinha.*

E disso de ser visto como uma pessoa perigosa?

Ah, com certeza. Onde eu for e dizer: ‘ah, sou da Bom Jesus’, é outro olhar; já é: ‘ah, é envolvido ou tem parente envolvido’ (com o tráfico de drogas).

Pesquisadora: *E tu acha que é diferente para uma pessoa negra da Bom Jesus e uma branca, a forma como é visto socialmente?*

Lucas: *Acho que não, acho que não tem muita diferença. Talvez se for para alguma vaga de emprego, se a pessoa tiver um traço que é mais aceitável, talvez consiga uma vaga que uma pessoa negra não ia conseguir.*

Lucas realiza uma leitura social racializada em que percebe distinções de classe e raça que variam conforme as especificidades de cada contexto. Nessa perspectiva, Sansone (2004) traz a ideia de “áreas leves e pesadas” ao analisar que, nas regiões periféricas baianas, percebendo que as divisões, os conflitos e tensões grupais não estavam diretamente relacionados à raça, classificando as diferentes áreas e momentos da vida num contínuo, tendo em um extremo a ideia de que “quase todos brancos” e no outro a de que “quase todos pretos”. Quanto mais “branca” era considerada uma área ou um momento, mais difícil poderia ser para a população negra. Ou seja, há diferentes territórios raciais, em alguns a raça é vista como importante na orientação das relações sociais e de poder, enquanto em outras situações assume menor relevância. Nestes últimos casos, os mais “leves”, as distinções sociais eram ligadas sobretudo à classe, à idade, à vizinhança e ao gênero. Por outro lado, ao pensar em zonas pesadas, os marcadores raciais se tornam mais relevantes na análise dos processos de desigualdade

e de discriminação, situações essas que podemos entender dentro da lógica de superexposição do corpo negro, quando a “negrura” e os sentidos sociais a ela atribuídos se evidenciam e as situações de discriminação podem ser mais facilmente entendidas como de cunho racial.

Sob essa perspectiva, a inserção em classes sociais mais elevadas — uma zona pesada — também produzirá efeitos nas identificações raciais dos homens negros. Ser negro e frequentar espaços de classe média/classe média alta é ser colocado em posição social específica marcada pela ausência ou baixa representatividade racial negra. A experiência de ser “a/o negra/o única/o” é frequente a este grupo. Para Ângela Figueiredo (2012), há um fenômeno de dupla consciência que não se associa à nacionalidade (ser negra/o e/ou brasileira/o), e sim ao fato de ser negra/o e membro de classe média, uma vez que a maioria das representações sobre as/os negras/os e sobre a cultura afrobrasileira remete à classe baixa, restando pouco espaço para ser ao mesmo tempo negra/o e de classe média. Ao adentrar a classe média, as dinâmicas do racismo ganham novos contornos, marcando outras especificidades à intersecção de raça e de classe já que, em ambientes elitizados, a maioria — e quando não todas as pessoas nos espaços — é branca, somado ao fato de que as manifestações de racismo cotidiano costumam operar de maneiras distintas nesses ambientes.

É o que aponta a fala de Rodrigo. Rodrigo é um homem trans, negro de pele clara com cabelos raspados que estava com dezoito anos na época da entrevista.

Rodrigo: *Eu sempre sofri racismo, mas achava que era bullying. Mas, tipo, com 13 anos foi quando caiu a ficha, mas como eu sou negro. E eu sempre estudei em escola particular e sempre fui mensalista. Nunca fui bolsista, mas as pessoas achavam que eu era bolsista: ‘Ah, porque preto não pode pagar mensalidade’. Com dez ou onze anos eu mudei de escola, eu fui pra uma escola tradicional e aí eu comecei a sofrer assédio. Porque a escola que eu tava antes era uma escola bem plural, uma escola de esquerda, vamos dizer assim. Aí, sim, ficou escancarado que eu não era branco, eu era mais escuro do que todos os meus colegas. Meus colegas tinham sobrenome polonês também e foi a primeira vez, inclusive, que eu tive colegas com sobrenome alemão, polonês, italiano, tcheco, árabe [ironicamente árabe].*

Pesquisadora: *Nossa! Ficou mais na classe média alta essa diferença* **Rodrigo:** *Na outra escola que eu estudava tinha bolsista, nessa não. Então eu tava no meio da elite e aí foi a primeira vez que me chamaram de paçoca. E aí eu entendi [pausa]. Não dava mais para fingir.*

Após as políticas históricas de branqueamento incentivadas por práticas massivas de imigração europeia no Sul do país, consolidou-se, nesta região, uma valorização social ao sentimento de pertença e aos valores simbólicos e materiais associados às culturas alemã e italiana, principais países de origem imigratória dessa região. A hierarquia presente entre as pessoas brancas, em que aqueles/as que possuem marcadores que apontem para a presença de uma origem europeia possuem maior valor de brancura, é um pensamento intrínseco ao imaginário social do Rio Grande do Sul. Dessa forma, a observação da origem dos sobrenomes é uma das ferramentas simbólicas utilizadas para análise da posição racial de determinada pessoa. Ainda, há uma especificidade no pensamento racial do Sul do país em que a pessoa branca é racializada a partir das nacionalidades de que são descendentes. Nesse sentido, é comum uma pessoa que tenha descendência alemã possuir forte vinculação com os respectivos valores culturais e até nomear-se como de fato alemã, por exemplo. Na fala de Rodrigo, percebe-se que o sobrenome aparece como um elemento simbólico importante que também delimita as fronteiras raciais entre ele e as pessoas brancas presentes nos ambientes elitizados que frequenta. A inserção de pessoas negras em espaços tradicionalmente ocupados por pessoas brancas evidencia a persistência das desigualdades e da discriminação racial. Ingressar em ambientes de classe média e classe média alta frequentemente representa uma transgressão de fronteiras raciais simbólicas, contextos nos quais as distinções de raça e classe tendem a se manifestar de forma mais intensa e explícita.

Nesses espaços, a pessoa negra muitas vezes ocupa a posição de *token*, isto é, torna-se uma das poucas ou a única representante do seu grupo racial. Essa condição a coloca em uma situação particularmente vulnerável

aos estereótipos e às expectativas racializadas, tornando sua presença mais visível e sujeita à vigilância. Ao mesmo tempo, essa experiência pode favorecer o desenvolvimento de uma consciência mais aguda acerca da própria posição racial. A inserção em ambientes marcados pela baixa representatividade negra tende a tornar mais perceptíveis as dinâmicas de discriminação e exclusão, contribuindo para processos de conscientização racial e para a elaboração crítica das experiências de racismo (Daflon, 2014).

As experiências relatadas pelos participantes permitem tensionar a noção de privilégio subordinado. Embora a condição masculina possa produzir determinadas vantagens em contextos específicos, os relatos evidenciam que a racialização frequentemente desloca esses sujeitos para posições marcadas pela suspeição, vigilância e exclusão. Desse modo, os benefícios associados ao gênero não anulam os efeitos da subordinação racial, mas coexistem com eles de forma contraditória.

As experiências apresentadas evidenciam que a posição social dos homens negros de pele clara é produzida pela articulação entre raça, gênero, classe e território. Entretanto, tais experiências não se constituem apenas por meio de desigualdades materiais, mas também através de representações socialmente compartilhadas que organizam percepções, afetos e expectativas acerca desses sujeitos. Nesse sentido, torna-se necessário examinar as imagens de controle associadas à masculinidade negra e seus efeitos na constituição da identidade racial.

As imagens de controle do Homem Negro

Entre as imagens de controle ligadas ao homem negro brasileiro, localizam-se as figuras do negão e do neguinho. O neguinho é aquele sujeito submisso e sem vontade própria, fiel e dependente dos/as brancos/as. Souza (2009) traz como exemplo literário da imagem do neguinho a figura do Tio Barnabé, criado por Monteiro Lobato, entre outros personagens presentes em quadros de humor na mídia televisiva. Em oposição ao neguinho, encontra-se a representação do negão, homem viril, forte, hipersexualizado. Devido à sua conotação marcadamente sexual, ele constitui uma ameaça ao homem branco. Em consonância, Conrado e Ribeiro (2017) discutem acerca da imagem de controle do *gangsta boy* e o homem negro paradigmático. Essa é uma representação associada à marginalização ativa, marcada pelas narrativas de violência, truculência, agressividade e hipersexualização. Por fim, há ainda uma figura híbrida das duas representações anteriores, que possui os atributos físicos do negão, mas é submisso como o neguinho, aparecendo nas imagens atrás de homens brancos, sempre disposto a protegê-los (Souza, 2009). Essa figura dialoga com as imagens de controle masculinas propostas por Collins (2019): a figura do “amigo negro” (*black buddy*) e “parceiro negro” (*black sidekick*), imagens que posicionam homens negros de forma emasculada no cenário político estadunidense. Como visto acima, Gustavo é comumente chamado como “negão”.

Pesquisadora: *E nesse processo de tu se entender como uma pessoa negra, tu identifica que teve pessoas que de alguma forma te ajudaram, ou que tu se identificava com elas e daí foi mais fácil pra ti se perceber negro?*

Gustavo: *Ah, parando pra pensar assim, não muito, mas acredito que se eu fosse lembrar lá da época do colégio... meus amigos sempre me chamavam de Negão: ‘Ah, o Gustavo, o Negão...’, ‘Convida o Negão que o Negão vai...’ Até a mãe dos meus colegas pediam, com todo o respeito: ‘Ah, posso te chamar de Negão também que nem os guris?’ ‘Pode, não tem problema’. Todo mundo me chamava: ‘Ah, o Gustavo, Negão’. Então eu via que era com carinho, não tinha maldade, e aquilo ali me fez pensar, né: ‘Ah, eu sou negão mesmo. É isso aí, vamos lá, né!’*

Pesquisadora: *Nessa época da escola, tu lembra se tu já se identificava como negro, ou se tu ficava pensando quem tu era no meio dessas pessoas?*

Gustavo: *Eu já me identificava que eu era o negão. Até inclusive nessa semana eu tava comentando: ‘Bah, cara, tu se lembra quando a gente jogava futebol e tal, todo mundo queria jogar no teu time porque todo mundo tinha medo do Negão’. ‘Bah, o Negão mora na Bom Jesus e tal’. Mas eu via que não era um*

preconceito, né, que geralmente o pessoal acha. Mas era uma coisa, assim, como que vou te dizer, não sei explicar, meio que era um respeito estranho que o cara tinha. Mas eu via que não era com maldade, sabe. Era uma questão mais entre nós ali, tanto que até hoje muita gente me chama de negão. Então a gente sabe quando é um 'negão' que a pessoa tá com carinho e quando é um 'negão' que a pessoa tá querendo te desrespeitar, né. Nessa parte sempre fui bem tranquilo, nunca tive nada que me afetasse.

“Mamãe, olhe o preto, estou com medo!” (Fanon, 2020, p. 105), refere uma criança branca que o encontra na rua ao se deparar com Frantz Fanon. É a partir daí que o autor aborda o processo de epidermização do racismo. O olhar branco colonial objetifica o homem negro, reduzindo-o a um corpo ameaçador. Em diálogo com Fanon, Collins (2019) identifica a figura do “bruto negro” como uma das mais duradouras imagens de controle produzidas em torno da masculinidade negra. Constituída no contexto pós-abolição dos Estados Unidos, essa representação associa o homem negro à violência, à criminalidade e à ausência de autocontrole, convertendo-o em uma ameaça à ordem racial branca. Tal construção exerceu papel central na legitimação de práticas de vigilância, punição e eliminação da população negra, expressas historicamente pelo linchamento, encarceramento e repressão policial. Desse modo, a imagem do “bruto negro” produz e reforça a associação entre masculinidade negra, criminalidade e violência, convertendo o medo racial em um importante mecanismo de dominação. Embora Collins analise o contexto dos Estados Unidos, essa reflexão dialoga com a realidade brasileira, igualmente marcada pelos legados da escravização e pela permanência do racismo estrutural.

Essa imagem evidencia a intersecção entre raça, gênero e classe na constituição da masculinidade negra, operando como um dispositivo de poder que define quem será temido, punido e até mesmo eliminado. Essa representação sustenta a exclusão social e simbólica dos homens negros, além de (re)posicionar a masculinidade branca como padrão universal de civilização. Compreendido em sua dimensão política, o medo social associado à figura do “bruto negro” constitui um importante mecanismo de controle, regulando a posição social atribuída aos homens negros na colonialidade contemporânea.

Percebe-se, nas cenas trazidas por Gustavo, as imagens produzidas socialmente sobre si a partir da intersecção de raça, classe e gênero e seus efeitos subjetivos. O medo por ele apontado é uma afetação social comum em relação ao homem negro que o associa às representações de perigo, ameaça, violência e crime. Com 40,7% da sua população negra, o bairro Bom Jesus se destaca como um dos mais negros de Porto Alegre, possuindo uma das menores rendas médias da cidade (Borges, 2023). Residir nesse bairro periférico, frequentemente associado pela mídia ao tráfico de drogas, também acentua sua “negrura”. A Gustavo são atribuídas representações ligadas ao perigo, articuladas não apenas à raça, mas também à classe, ao gênero, ao território e à geração. Nesse contexto, o medo emerge como um afeto central em suas interações sociais. “Como eles poderiam amar a si mesmos se foram ensinados a se odiar? Como poderia se esperar que eles amassem cercados de tanta inveja, desejo, ódio? Homens negros, na cultura do patriarcado supremacista branco capitalista imperialista, são temidos, não amados.” (hooks, 2022, p. 32).

A associação recorrente entre masculinidade negra e ameaça social produz efeitos subjetivos significativos, limitando possibilidades de reconhecimento, pertencimento e elaboração de projetos de vida. Nas experiências relatadas por Gustavo, observa-se que o medo opera como um afeto estruturante das relações sociais desde a infância, antecedendo inclusive uma compreensão mais elaborada sobre o racismo. Nesse sentido, torna-se relevante refletir sobre as especificidades das infâncias negras a partir da imagem de controle do pivete. Segundo Ribeiro (2020), o pivete constitui uma representação associada ao menino negro brasileiro, frequentemente vinculada às narrativas do bandido ou do marginal em formação. Nessa lógica, o menino negro passa a ser alvo de vigilância e suspeição precoces, deixando de ser reconhecido como criança para ser percebido como uma potencial ameaça social.

Se dentro do ambiente familiar Gustavo afirma ser chamado de sarará, a leitura extrafamiliar de seu corpo o desloca para outro lugar racial. Gustavo não é chamado a partir de seu nome próprio. A nomeação “negão” pode ser analisada como uma prática de racialização que tende a reduzir Gustavo à sua dimensão corporal, deslocando-o de sua singularidade para uma identidade racial socialmente estereotipada. Para Souza (2009), a imagem do “negão” liga-se à suposta hipervirilidade negra.

Gustavo entende esse tratamento social como um “respeito estranho”. Apesar da sensação de estranhamento, Gustavo parece não perceber aspectos negativos na nomeação como “negão” no contexto de relações afetivas

próximas. A ausência de uma interpretação explicitamente negativa dessa nomeação sugere formas particulares de elaboração das experiências de racialização vividas por Gustavo. Percebe-se ainda que, como a possibilidade de agência masculina negra se dá quase exclusivamente pela via do corpo, espera-se que o homem negro seja sempre dotado das mais diversas habilidades corporais: dança, futebol, força física, entre outras atividades que ligadas à sua suposta hipervirilidade (Faustino, 2014). Tal dinâmica contribui para que o reconhecimento de Gustavo entre seus pares se dê, sobretudo, por meio do futebol. Entretanto, esse reconhecimento permanece condicionado a representações estereotipadas da masculinidade negra, vinculadas à força física, à habilidade corporal e à virilidade. Desse modo, ele tende a ocupar uma posição racial alienante, na qual sua valorização social permanece vinculada ao corpo e aos significados racializados que lhe são atribuídos. Nesse sentido, a construção de uma identificação positiva com a negritude torna-se mais difícil quando as formas predominantes de reconhecimento são mediadas por imagens de controle e pelos afetos que elas produzem. Esses elementos evidenciam a presença de práticas racistas e racializantes naturalizadas, cuja problematização pode favorecer processos de elaboração crítica da identidade racial e de valorização da negritude.

Se a sociedade tem medo do homem negro, a recíproca é verdadeira. Afinal, quais efeitos subjetivos de ser constantemente visto como uma ameaça social? No impactante livro “Entre o Mundo e Eu”, Ta-Nehisi Coates (2015) realiza uma importante reflexão sobre a masculinidade negra, descrevendo-a a partir da experiência vivida, mostrando como o racismo molda a maneira como os homens negros percebem, protegem e expressam seus corpos, suas emoções, seus afetos e como costumam se relacionar socialmente. Ta-Nehisi descreve o medo que atravessa o corpo dos jovens negros, reiterando que, durante séculos, as pessoas negras em diáspora são forçadas a viver com medo: “o medo se manifestava no bebop que praticavam, nas desleixadas calças jeans, nas camisas largas, no ângulo calculado com o seu boné de beisebol, num catálogo de comportamentos e roupas adotado para inspirar a crença de que exerciam a firme posse de tudo que queriam” (Coates, 2015, p. 24). O medo assume, portanto, uma dimensão social e política.

Desde a infância, o corpo negro é treinado para antecipar a violência, vigiar o próprio gesto e conter emoções, pois qualquer movimento pode ser interpretado como ameaça. Essa sensação permanente de vulnerabilidade corporal configura o medo como um dispositivo de controle social, que disciplina e limita a presença dos homens negros no espaço público: “lembro-me de ter ficado assombrado com o fato de a morte poder tão facilmente surgir do nada na tarde de um menino e se espalhar como neblina” (Coates, 2015, p. 30). Por outro lado, o autor ressalta a dimensão de consciência contida no medo. Para ele, reconhecer a sua origem histórica e estrutural é um ato de resistência que permite pensar possibilidades de vida, uma forma de reafirmar a humanidade diante de um sistema que tenta constantemente animá-lo. Assim, o medo, é simultaneamente efeito da opressão e impulso à desalienação negra.

Neste ponto, Rodrigo traz reflexões interessantes sobre as diferenças das manifestações de racismo relacionadas às suas experiências genderificadas, apontando o medo como afeto ligado às suas vivências como homem negro.

Pesquisadora: *Uma coisa que eu fiquei pensando, tu disse que antes, quando tu era lida como uma guria, tu começou a ver que estava sendo assediada, não é? Tu percebeu a diferença agora que tu é lido como um homem negro?*

Rodrigo: *Sim, eu sou seguido no mercado e eu tenho medo de levar enquadre policial. A partir do momento que eu pareço mais um homem negro, é muito difícil. Eu tenho medo de chegar um dia que eu já tiver feito a minha cirurgia e eu não poder... Tipo, se eu for tomar um quadro, não poder falar: ‘Ó, eu tenho peito’, porque eu já não vou mais ter. O homem preto sofre mais violência e também, mesmo sendo trans, tem outras coisas também.*

A imagem de controle do ladrão

Ao analisar os resultados da pesquisa histórica realizada por Cardoso e Ianni (1960) sobre estereótipos raciais em Florianópolis, Daflon (2014) elucida que os atributos “falso, desonesto, ladrão” foram os únicos com maior incidência entre pessoas consideradas mulatas na época em comparação com às pretas, fenômeno que faria

alusão à ideia da “mandragem mestiça”. Há uma forte ligação em torno da ideia de mandragem brasileira ao mestiço — aqui entendido como o negro de pele clara. A mandragem consiste em uma imagem representativa da mestiçagem brasileira, a qual é permeada por duas narrativas contraditórias: a primeira, de cunho negativa, associa a mandragem à falta de trabalho ou ao trabalho ilegal, ao roubo, à vagabundagem e à falta de apreço às normas sociais. Já a segunda, que pode ser entendida como positiva, relaciona a mandragem ao bom humor e à espontaneidade. Essa imagem do mandragem carrega a ideia do “jeitinho” brasileiro, que se propaga no tecido social a partir das teorizações de Gilberto Freyre acerca da suposta adaptabilidade e maleabilidade do povo brasileiro miscigenado ligadas ao mito da democracia racial (Schwarcz, 1995).

Para Renato, jovem negro de pele clara e de cabelos raspados, foram as discriminações raciais baseadas na imagem de ladrão, entre outros elementos, que o fizeram se entender como pessoa negra.

Renato: *Caminhando na rua, as pessoas apertam o passo, principalmente se tá só eu e a pessoa na rua. No ônibus também, de manhã, depende do horário, se o ônibus tá lotado e tu senta do lado de alguém, a pessoa já puxa a bolsa. Acha que tu vai roubar ou, às vezes, a pessoa te atende mal numa loja.*

De forma muito similar, Lucas fala sobre vivências e percepções sobre discriminação racial associadas à imagem do homem negro ladrão.

Lucas: *Pensando bem, agora lembrei que teve um tempo que eu trabalhava em frente à (loja) Renner, no shopping, e entrei para experimentar uma roupa e quando saí, me deparei com o segurança dentro do provador.*

Pesquisadora: *Dentro?*

Lucas: *Dentro da área do provador. Eu sou muito de boa. No momento, eu pensei: ‘Ah, não vou mais fazer compras’. Peguei e me retirei. Só que depois a gente sempre pensa que devia ter questionado o porquê ele tava ali. Não é uma coisa normal, não é? Sempre o fato de ser preto vai fazer tu se tornar um suspeito ou vai entrar numa loja e vai ser o último a ser atendido. É assim. O segurança te perseguir e até o segurança negro também, não é? É que já tá enraizado isso aí que o negro é suspeito. ‘O negro é bandido’ tá em tudo.*

Assim, evidencia-se a narrativa social que associa o homem negro à criminalidade, cujo afeto social despertado é, mais uma vez, o medo. Os relatos analisados indicam que o medo constitui uma categoria central para compreender os efeitos subjetivos das imagens de controle. Mais do que um afeto individual, o medo emerge como um fenômeno relacional e socialmente produzido, organizando tanto a forma como os participantes são percebidos pelos outros quanto os modos pelos quais passam a interpretar a si mesmos e a ocupar determinados espaços sociais.

Volto aqui a uma das questões iniciais: afinal, como é possível saber quem se é e identificar-se com outros nomes para si, produzindo identidades e pertencimento raciais na direção oposta das imagens de controle aqui analisadas? Tulio Custódio, no prefácio da edição brasileira do livro de bell hooks, “A gente é da hora: homens negros e masculinidade” (2022), nos deixa pistas fundamentais na contramão das imagens de controle e em direção à autodefinição e à autoavaliação.

hooks nos ensina que, dentro das amarras do patriarcado, devidamente informado pelo racismo e pelo capitalismo, colonialismo e imperialismo, as noções de masculinidade hegemônica patriarcal não nos servem. Elas são o ingrediente fundamental da receita da morte. Operação sofisticada e cruel de uma promessa que não vale a pena: ser um Homem, num mundo que diz que ser sujeito Homem é ser sujeito da violência e da destruição. Não queremos, não precisamos disso (Custódio, 2022, p. 25).

Considerações Finais

O processo de constituição da identidade racial e do pertencimento de homens negros de pele clara é atravessado por imagens de controle e pelas violências sociais a elas associadas. As experiências analisadas demonstram como essas representações produzem subjetividades marcadas pela vigilância e pelo medo. Esse afeto manifesta-se tanto na forma como os homens negros de pele clara são percebidos socialmente quanto na maneira como passam a se relacionar consigo mesmos e com os outros.

Os resultados sugerem que processos de autoavaliação e autodefinição podem contribuir para a construção de formas mais positivas de pertencimento racial. Nessa direção, torna-se possível pensar em modos de existência e agência menos subordinados às representações produzidas pelas imagens de controle, favorecendo formas de identificação racial orientadas à valorização da negritude e à construção de masculinidades negras comprometidas com o reconhecimento de si e com a coletividade.

Por fim, cabe ressaltar que ser negro de pele clara não constitui uma condição de privilégio estrutural em uma sociedade marcada pelo racismo antinegro. As imagens de controle e seus efeitos, exemplificados neste estudo por meio de cenas de racismo cotidiano, evidenciam que homens negros de pele clara também vivenciam experiências de discriminação racial, vigilância e violência simbólica, produzindo impactos significativos na constituição de sua identidade racial e de seus pertencimentos.

Referências

- Borges, S. C. R. (2023). *Evidências de racismo institucional em um bairro negro: O caso do bairro Bom Jesus em Porto Alegre/RS* (Dissertação de mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. <http://hdl.handle.net/10183/274424>
- Bourdieu, P. (1999). *A miséria do mundo*. Vozes. Braun, V., & Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, 3(2), 77–101. <https://doi.org/10.1191/1478088706qp063oa>
- Coates, T.-N. (2015). *Entre o mundo e eu* (J. J. Teixeira, Trad.). Riode Janeiro, Brasil: Objetiva.
- Conrado, M., & Ribeiro, A. A. M. (2017). Homem negro, negro homem: Masculinidades e feminismo negro em debate. *Revista Estudos Feministas*, 25(1), 73–97.
- Custódio, T. (2022). Por uma ética da responsabilidade e autodeterminação, ou como podemos ser da hora: Prefácio à edição brasileira. In B. hooks, *A gente é da hora: Homens negros e masculinidade* (pp. 13–28). São Paulo, Brasil: Elefante.
- Ciampa, A. C. (1987). *A estória do Severino e a história da Severina*. São Paulo, Brasil: Brasiliense.
- Collins, P. H. (2016). Aprendendo com a outsider within: A significação sociológica do pensamento feminista negro. *Sociedade e Estado*, 31(1), 99–127.
- Collins, P. H. (2019). *Pensamento feminista negro: Conhecimento, consciência e a política do empoderamento*. São Paulo, Brasil: Boitempo.
- Collins, P. H. (2022). *Política sexual negra: Afro-americanos, gênero e o novo racismo*. Via Verita.
- Custódio, T. A. (2019). Per-vertido homem negro: Reflexões sobre masculinidades negras a partir de categorias de sujeição. In H. R. da C. Souza & R. M. R. de Souza (Comps.), *Diálogos contemporâneos sobre homens negros e masculinidades* (pp. 131–161). São Paulo, Brasil: Ciclo Contínuo Editorial.
- Daflon, V. T. (2014). *Tão longe, tão perto: Pretos e pardos e o enigma racial brasileiro* (Tese de doutorado). Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. https://www.iesp.uerj.br/wp-content/uploads/2017/06/Tese_Veronica-Toste-Daflon.pdf
- Díaz-Benítez, M. E., & Mattos, A. (2021). Interseccionalidade: Zonas de problematização e questões metodológicas. In I. Siqueira, B. Magalhães, M. Caldas, & F. Matos (Orgs.), *Metodologia e relações internacionais: Debates contemporâneos* (Vol. 2). Rio de Janeiro, Brasil: Editora PUC-Rio.
- Fanon, F. (2020). *Pele negra, máscaras brancas* (S. Nascimento, Trad.). São Paulo, Brasil: Ubu Editora.

- Faustino, D. M. (2014). O pênis sem o falo: Algumas reflexões sobre homens negros, masculinidades e racismo. In E. A. Blay (Coord.), *Feminismos e masculinidades: Novos caminhos para enfrentar a violência contra a mulher* (pp. 75–104). São Paulo, Brasil: Cultura Acadêmica.
- Ferreira, R. F. (2004). *Afrodescendente: Identidade em construção*. São Paulo, Brasil: Pallas.
- Figueiredo, A. (2012). *Classe média negra: Trajetórias e perfis*. Salvador, Brasil: EDUFBA.
- Hirata, H. (2014). Gênero, classe e raça: Interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais. *Tempo Social*, 26(1), 61–73.
- hooks, b. (2022). *A gente é da hora: Homens negros e masculinidade*. São Paulo, Brasil: Elefante.
- Kilomba, G. (2019). *Memórias da plantação: Episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro, Brasil: Cobogó.
- Lima, F. S., & Romanini, M. (2023). O que pode o homem negro sentir? Produção de subjetividades, violência e modos de resistir/existir. *Práticas e Cuidado: Revista de Saúde Coletiva*, 4, e18973.
- Pereira, C. da S. (2023). Pessoas negras de pele clara: Um olhar para a identidade racial (Dissertação de mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/247522/PPSI1026-D.pdf?sequence=1&isAllowed=y>
- Ribeiro, M. (2020). Homens pretos, masculinidades negras e imagens de controle na sociedade brasileira. *Humanidades & Inovação*, 7(25), 117–134.
- Sansone, L. (2004). *Negritude sem etnicidade: O local e o global nas relações raciais e na produção cultural negra do Brasil*. Salvador, Brasil: EDUFBA.
- Schwarcz, L. M. (1995). Complexo de Zé Carioca: Notas sobre uma identidade mestiça e malandra. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 10(29), 49–63.
- Souza, N. S. (2021). *Tornar-se negro: Ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. Rio de Janeiro, Brasil: Editora Schwarcz-Companhia das Letras.
- Souza, R. R. (2009). As representações do homem negro e suas consequências. *Revista Fórum Identidades*, 6, 97–115.
- Spink, P. K. (2003). Pesquisa de campo em psicologia social: Uma perspectiva pós-construcionista. *Psicologia & Sociedade*, 15, 18–42.

Contribuição dos Autores

Conceitualização: C. S. P.
Redação do manuscrito: C. S. P.
Análise dos dados: C. S. P.
Revisão e edição: C. S. P.

Submetido em: 06/02/2026
Aceito em: 15/07/2026

Como citar:

Pereira, C. S. As imagens de controle e a identidade racial de homens negros de pele clara. *Rev Polis e Psique*. 2026, 16: e026027.

Financiamento:

Não houve financiamento.